



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

VITÓRIA VIRGINIA CARMO DE LIMA

PITOMBINHA: VOZ E RAIZ

**CAMPINA GRANDE
2025**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

VITÓRIA VIRGÍNIA CARMO DE LIMA

PITOMBINHA: VOZ E RAIZ

Relatório do documentário apresentado ao curso de Graduação em Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título em bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

**CAMPINA GRANDE
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732d Lima, Vitoria Virginia Carmo de.
Documentário: Pitombinha: voz e raiz [manuscrito] / Vitoria Virginia Carmo de Lima. - 2025.
29 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Comunicação popular. 2. Comunicação Folclórica. 3. Mídia Alternativa. I. Título

21. ed. CDD 070.4

VITÓRIA VIRGÍNIA CARMO DE LIMA

DOCUMENTÁRIO: PITOMBINHA: VOZ E RAIZ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Aprovada em: 02/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jurani Oliveira Clementino** (***.257.793-**), em **27/06/2025 10:41:37** com chave **729021ee535c11f0a0c82618257239a1**.
- **Rafael de Araújo Mélo** (***.071.504-**), em **25/06/2025 12:08:56** com chave **5057adea51d611f0a42b06adb0a3afce**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 27/06/2025

Código de Autenticação: 2edc31



AGRADECIMENTOS

Há caminhos que se percorrem com os pés, outros que se percorrem com o coração. Este trabalho foi ambos: estrada longa, feita de cansaço e coragem, mas também de amor, persistência e sentido.

Nada do que há aqui nasceu sozinho. Cada palavra, cada silêncio, cada descoberta carrega marcas — de mãos que me sustentaram, de vozes que me empurraram adiante, de presenças que me lembraram que vale a pena continuar.

Agradeço com todo o amor do mundo à minha mãe, Maria do Carmo. Mãe, em cada linha deste trabalho pulsa a tua força. Mesmo quando o mundo apertava, teu abraço seguia sendo abrigo. Obrigada por ser minha certeza quando tudo parecia duvidoso.

Aos meus irmãos Rosa, Rivaldo e Robson e toda família, que são extensão do meu fôlego e parte do meu chão. E aos meus padrinhos, Luciene e André que sempre estiveram ali — mesmo no silêncio — me estendendo a mão.

Aos professores que encontrei ao longo dessa travessia, em especial ao meu orientador Kleyton Canuto. Obrigada por confiar, orientar e acompanhar com paciência e sabedoria. Sua presença foi a ponte entre o que eu sonhava e o que hoje posso ver concretizado.

Aos amigos que a vida me deu como presente e que se tornaram refúgio em meio ao caos, em especial o meu grupo universitário: Adê Macedo, Alisson Brando, Ana Bea, Júnior Lira, Letícia Cely, Madu Sioli e Pablo Élyton. Obrigado por cada risada no meio do desespero, por cada escuta sem pressa, por cada companhia que fez essa jornada ser menos solitária. Vocês são minha força em forma de gente.

E ao personagem que dá vida a este trabalho: Pitombinha. Mais do que foco do meu documentário, você é testemunho vivo de uma comunicação que pulsa nas ruas. Obrigado por abrir as portas da sua história e por ensinar que ser comunicador é, antes de tudo, sentir.

Este trabalho é feito de mim, mas nunca foi só meu.

É feito de afeto, de memória, de gente.

E, sobretudo, de gratidão.

Com amor, V. V.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo explorar o papel da comunicação popular, folclórica e alternativa na mediação de demandas sociais, por meio de um documentário, tendo como foco o comunicador folclórico Pitombinha, que atua em um carro de som, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe em Pernambuco. O estudo se fundamenta nos conceitos de comunicação folclórica, popular, comunitária e alternativa, com base em autores como Beltrão, Downing, Andueza e Peruzzo, que defendem a comunicação como um espaço de construção coletiva, resistência e identidade local. A partir de uma abordagem qualitativa e de técnicas como a observação participante e entrevistas semiestruturadas, foi possível compreender como a atuação de Pitombinha extrapola a função de informar: ele representa um elo afetivo dentro da comunidade. O documentário, como produto final, busca não apenas registrar, mas valorizar essa prática comunicacional, reconhecendo seu papel fundamental na democratização da informação e na expressão das vozes populares.

Palavras-Chave: Comunicação popular; comunicação folclórica; mídia alternativa;

ABSTRACT

This work aims to explore the role of popular, folkloric and alternative communication in the mediation of social demands through a documentary, focusing on the folkloric communicator Pitombinha, who operates a sound truck in the city of Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. The study is grounded in the concepts of folkloric, popular, community, and alternative communication, based on authors such as Beltrão, Downing, Andueza, and Peruzzo, who advocate for communication as a space of collective construction, resistance, and local identity. Using a qualitative approach and techniques such as participant observation and semi-structured interviews, it was possible to understand how Pitombinha's work goes beyond simply informing: he represents an emotional link within the community. The documentary, as the final product, seeks not only to document but also to highlight this communication practice, recognizing its fundamental role in the democratization of information and the expression of popular voices.

Keywords: Popular communication; folkloric communication; alternative media;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Gravação na Rádio Polo	29
Figura 2 –	Gravação com Bartôl Neves	29
Figura 3 –	Gravação com Pitombinha no carro de som	30
Figura 4 –	Gravação com Pitombinha no parque Wellington Monteiro	30
Figura 5 –	Anotações para decupagem	31
Figura 6 –	Anotações para decupagem	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JUSTIFICATIVA	10
3	COMUNICAÇÃO FOLCLÓRICA, POPULAR E ALTERNATIVA	12
4	PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....	15
4.1	CALENDÁRIO DE EXECUÇÃO	16
5	EXECUÇÃO / ROTEIRO DE GRAVAÇÃO.....	18
6	DETALHAMENTO TÉCNICO	19
6.1	CUSTOS OPERACIONAIS	20
6.2	ROTEIRO TÉCNICO.....	21
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXOS	27

1 INTRODUÇÃO

As transformações nos meios de comunicação, sobretudo com o avanço da internet e das redes sociais, têm gerado uma série de reflexões sobre a persistência e a reinvenção de formas tradicionais de comunicação. Em meio a essa constante evolução, é possível observar que práticas comunicacionais consideradas populares, continuam a desempenhar papel central na vida cotidiana de diversas comunidades. Um exemplo disso está na figura do comunicador folclórico e popular que utiliza o carro de som como meio de divulgação local, criando uma ponte direta entre comerciantes e população, com linguagem acessível e próxima da realidade de seu público.

O documentário “Pitombinha: voz e raiz”, retrata a trajetória e a relevância de um comunicador folclórico e popular da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, conhecido por circular pelas ruas em seu carro de som, anunciando promoções, eventos e mensagens comunitárias. Mais do que um simples serviço de propaganda, a atuação de Pitombinha revela uma forma de jornalismo popular, oral e comunitário, que se sustenta na confiança, na afetividade e no reconhecimento do território.

A escolha por realizar um documentário como produto final se dá pelo potencial do audiovisual em registrar e dar visibilidade a sujeitos sociais muitas vezes invisibilizados pela grande mídia. Como destacam Nicholas Andueza (2010) e Peruzzo (2009), a comunicação popular exerce um papel essencial na mediação entre o cotidiano das comunidades e o direito à informação, configurando práticas de comunicação alternativa que merecem ser compreendidas dentro de um contexto de democratização da mídia. Ao acompanhar o dia a dia de Pitombinha, busco captar não apenas seu trabalho, mas também os laços que estabelece com a população e os modos como constrói sua autoridade comunicativa.

A abordagem metodológica deste trabalho envolve a produção de um documentário de caráter expositivo e poético, sustentado em entrevistas com o próprio Pitombinha e com pessoas de seu convívio, além do registro sonoro e visual de suas atividades. Essa escolha permite uma imersão sensível na realidade retratada, proporcionando ao público uma experiência estética e afetiva que transcende a simples exposição informativa.

A fundamentação teórica apoia-se em autores que discutem a comunicação folclórica, popular, alternativa e comunitária, como Beltrão (1980), Downing (2002) e Peruzzo (2009). Tais perspectivas possibilitam compreender o comunicador popular como agente político, ainda que muitas vezes não reconhecido como tal, inserido em uma lógica de resistência e criatividade diante das limitações impostas pelo sistema midiático dominante. Ao finalizar este projeto,

esperamos contribuir para a valorização desse tipo de comunicação e para o reconhecimento de figuras como Pitombinha.

2 JUSTIFICATIVA

Ao longo da minha formação acadêmica em Jornalismo, tive contato com diversas abordagens da comunicação, mas foi o documentário audiovisual que despertou meu maior interesse. Essa modalidade jornalística, ao unir elementos da narrativa, da pesquisa e da imagem, oferece uma possibilidade singular de aprofundamento nas realidades humanas, especialmente aquelas que, muitas vezes, permanecem à margem dos grandes veículos midiáticos. O documentário permite, mais do que informar, construir pontes entre histórias pessoais e questões coletivas, sensibilizando o espectador por meio da escuta e da representação.

A escolha de retratar a trajetória de Pitombinha, comunicador folclórico e popular da cidade de Santa Cruz do Capibaribe, se justifica pela relevância de seu papel como mediador entre o comércio local, as demandas cotidianas da população e os acontecimentos sociais do município. Pitombinha atua por meio de um carro de som — instrumento tradicional da comunicação popular —, atravessando ruas com sua voz potente, divulgando produtos, mas também marcando presença nos eventos das cidades. É, portanto, um comunicador que ultrapassa a função de “propagandista”, sendo uma figura afetiva, presente e reconhecida por diferentes gerações.

Com este documentário, busca-se retratar a trajetória de Pitombinha, destacando sua atuação como comunicador popular e folclórico e sua influência sociocultural em Santa Cruz do Capibaribe e região. A proposta inclui contextualizar sua história de vida e carreira no cenário local, evidenciando a forma como ele se relaciona com a comunidade e exerce uma função simbólica e prática no cotidiano das pessoas.

Santa Cruz do Capibaribe é um município do agreste pernambucano cuja economia está centrada no polo de confecções, atraindo trabalhadores, comerciantes e empreendedores de diversas regiões. Ao mesmo tempo, enfrenta desafios sociais típicos do interior nordestino: desigualdade, carência de serviços públicos, informalidade no trabalho e um tecido urbano em constante expansão e conflito. Nesse contexto, a comunicação folclórica e popular, representada por figuras como Pitombinha, assume papel essencial: ela não apenas informa, mas também organiza, articula e dá visibilidade a realidades que escapam à mídia hegemônica.

De acordo com Cicília Peruzzo (2009), a comunicação popular é, antes de tudo, uma forma de comunicação alternativa. Essa compreensão reforça a importância de reconhecer Pitombinha como sujeito comunicador. Sua atuação, longe de ser meramente funcional ou comercial, é carregada de sentido cultural e social. Através de seu microfone e alto-falantes, ele

ocupa o espaço público com uma linguagem acessível, próxima e afetiva — resgatando a oralidade como recurso fundamental da comunicação popular

Além disso, como aponta Downing (2002), os comunicadores populares muitas vezes realizam uma função que vai além da transmissão de informação: eles constroem redes de solidariedade, atuam na mediação de conflitos e ajudam a sustentar o senso de pertencimento coletivo. Essa dimensão simbólica é especialmente importante em cidades interioranas, onde os vínculos sociais são construídos cotidianamente nas feiras, nos mercados, nas ruas e nos pequenos comércios.

A escolha do documentário como formato para narrar essa história se justifica pela capacidade que esse gênero possui de tornar visíveis vozes e rostos que habitualmente não ocupam espaços de prestígio midiático. Segundo Bill Nichols (2012), o documentário deve ser entendido como um “discurso que organiza a realidade com base em valores, escolhas estéticas e relações de poder”. O autor defende que, ao filmar e montar, o documentarista também interpreta e reposiciona o mundo visível. Em uma de suas reflexões mais importantes, ele afirma:

Documentários são construções discursivas. Eles se apoiam na realidade, mas também a recortam, interpretam e reconfiguram. O documentarista não apenas observa; ele participa, escolhe e, inevitavelmente, transforma aquilo que registra. A câmera, nesse processo, é tanto uma janela quanto um espelho” (NICHOLS, 2012, p. 34).

Dessa forma, o documentário proposto neste TCC pretende não apenas registrar a atuação de Pitombinha, mas reconhecer sua importância como agente cultural e comunicacional. Através da escuta e da representação audiovisual, busca-se valorizar a sua trajetória como expressão da criatividade, da oralidade e da resistência do povo do agreste. O filme, portanto, não é um fim em si mesmo, mas uma tentativa de devolver ao personagem — e, por extensão, à comunidade que ele representa — um espaço de visibilidade e reconhecimento que muitas vezes lhes é negado.

Por fim, ao unir jornalismo, arte e escuta ativa, este documentário se propõe a ser um ato de reconhecimento: à história de Pitombinha, à cidade que o abriga, e à força vital da comunicação popular como pilar da cidadania e da democracia.

3 COMUNICAÇÃO FOLCLÓRICA, POPULAR E ALTERNATIVA

A comunicação folclórica é um campo ainda pouco explorado quando comparado à comunicação popular e alternativa, mas tem raízes profundas nas práticas culturais e simbólicas das comunidades. Segundo Luiz Beltrão, que cunhou o termo "folclore comunicacional", trata-se de um conjunto de manifestações comunicativas espontâneas, orais e simbólicas, que fazem parte do cotidiano dos grupos populares. São exemplos dessa comunicação os pregões de rua, os cordéis, as festas religiosas, as paródias e os comunicadores informais como Pitombinha.

Essa forma de comunicação difere da comunicação alternativa e da comunitária por não necessariamente ter uma intencionalidade política ou organizacional. Ela brota das tradições orais, da cultura popular e da criatividade coletiva, funcionando como um elo de identidade, pertencimento e memória. Enquanto a comunicação alternativa se posiciona contra-hegemonicamente e a comunitária se organiza a partir de coletivos locais, a folclórica se manifesta de forma mais espontânea, fluida e enraizada nas vivências cotidianas.

Na visão de Beltrão, o comunicador folclórico exerce um papel educativo e simbólico. Ele atua como ponte entre o saber tradicional e o cotidiano da comunidade, com linguagem acessível, repertório cultural e presença afetiva. Essa concepção se encaixa perfeitamente na atuação de Pitombinha, que utiliza o carro de som para não apenas anunciar, mas cantar, narrar, interagir e criar laços simbólicos com o povo da cidade.

Portanto, compreender a comunicação folclórica é essencial para valorizar as formas autênticas e locais de expressão comunicacional. Ela resiste ao apagamento promovido pela mídia de massa e revela a riqueza da oralidade, da performance e da cultura partilhada no dia a dia das comunidades.

A comunicação popular, a comunicação alternativa e a comunicação comunitária muitas vezes são tratadas como expressões equivalentes no campo da comunicação, sobretudo em contextos de resistência social e produção fora dos grandes meios. No entanto, segundo Cecília Peruzzo (2009), essas três formas possuem características e objetivos distintos, ainda que se inter-relacionem em práticas concretas.

A comunicação popular está intimamente ligada às lutas sociais, sendo protagonizada por movimentos sociais, grupos populares e organizações de base. Ela se configura como uma forma de expressão coletiva que busca a transformação social, promovendo a participação ativa dos sujeitos na produção das mensagens e no controle dos meios. Trata-se, assim, de uma comunicação que nasce das camadas populares e se volta para elas, com forte ênfase na

autonomia e na prática dialógica.

Já a comunicação alternativa tem como marca principal a oposição ao modelo hegemônico de comunicação representado pela grande mídia. Seu caráter contra-hegemônico pode se manifestar tanto em sua estética quanto em seus conteúdos, sendo frequentemente realizada por jornalistas, coletivos independentes ou organizações não governamentais. Embora também possa servir às causas populares, a comunicação alternativa nem sempre parte da base popular ou se estrutura de forma participativa.

Por fim, a comunicação comunitária se insere no cotidiano das comunidades, muitas vezes em nível local, buscando dar voz a grupos que não têm representação nos grandes meios. Ela se caracteriza pela valorização da cultura local, pela horizontalidade na gestão dos meios e pela construção de vínculos identitários e afetivos entre os sujeitos envolvidos. No entanto, como observa Peruzzo, nem toda comunicação comunitária é, necessariamente, popular ou alternativa — especialmente quando não adota uma postura crítica ou transformadora.

Assim, ao analisar essas três formas de comunicação, é necessário compreender suas singularidades e pontos de convergência, bem como as disputas simbólicas e políticas que atravessam seus campos de atuação. A problematização desses conceitos, como propõe Peruzzo (2009), nos ajuda a pensar criticamente sobre os processos comunicacionais fora da lógica dominante e a identificar práticas realmente comprometidas com a democratização da comunicação.

Ao contrário da comunicação massiva tradicional, a comunicação popular é descentralizada, plural é marcada pela oralidade, pela escuta e pela horizontalidade dos vínculos. Em contextos periféricos, ela se manifesta de formas diversas — seja por meio de rádios comunitárias, murais, panfletos, grupos de teatro, megafones ou carros de som, como no caso de Pitombinha. Esses meios, muitas vezes improvisados ou alternativos, são fundamentais para garantir que vozes silenciadas tenham espaço na construção simbólica da realidade.

Segundo Peruzzo (2009), a comunicação popular está intimamente ligada ao exercício da cidadania. Ela permite que os sujeitos não apenas recebam informações, mas participem ativamente da construção e da circulação dos discursos que afetam suas vidas. Mais do que uma técnica, trata-se de uma prática política:

A comunicação popular “possui, entre outras finalidades, a de atuar como instrumento de fortalecimento dos sujeitos sociais para que possam intervir na realidade, como forma de exercício da cidadania” (PERUZZO, 2009, p. 10).

Essa dimensão da comunicação como construção coletiva de sentido também é ressaltada por Nicholas Andueza (2010), que propõe uma visão crítica da comunicação

institucional. Para ele, é necessário romper com a ideia de que comunicar é apenas transmitir mensagens. A comunicação é, antes de tudo, uma prática social carregada de valores, disputas e significados.

A comunicação precisa ser entendida como prática social constituinte da realidade, e não como simples ferramenta de gestão. Trata-se de uma atividade humana essencialmente dialógica, carregada de sentido e capaz de articular sujeitos na produção compartilhada do mundo. (ANDUEZA, 2010, p. 17).

No caso de Pitombinha, essa ideia se concretiza na prática. Seu carro de som não é apenas um veículo de publicidade, mas um elo afetivo entre as pessoas da cidade. Ele conecta o comércio local aos moradores, participa da vida pública, acompanha as festas, eventos e celebrações. Sua voz ecoa pelas ruas e se torna parte da paisagem sonora da comunidade.

Ao transformar a trajetória de Pitombinha em um documentário, o projeto do TCC se insere numa tradição audiovisual que valoriza as narrativas de sujeitos anônimos, cotidianos, e profundamente enraizados em seus contextos locais. Para compreender esse processo, é essencial recorrer à obra de Bill Nichols (2012), referência central nos estudos sobre documentário.

Nichols propõe que o documentário não deve ser visto como um espelho neutro da realidade, mas como uma forma discursiva, marcada por escolhas éticas, estéticas e políticas. Ele argumenta que todo documentário é, em alguma medida, uma interpretação do real:

Documentários não mostram o mundo tal como ele é, mas como ele é visto por alguém. Eles constroem versões do mundo por meio de processos de seleção, edição e estruturação narrativa. Mesmo os gestos mais simples — como e onde apontar a câmera — já carregam intenções e significados. (NICHOLS, 2012, p. 34).

Ao contar a história de Pitombinha, o documentário assume um papel de escuta atenta e de valorização das narrativas locais. Ele se torna um espaço de visibilidade para práticas comunicacionais que normalmente não cabem nos modelos tradicionais da mídia. Como destaca Nichols, a presença do documentarista é inevitável e significativa: ao registrar, ele também interfere; ao mostrar, ele também interpreta.

Essa concepção de documentário como prática interpretativa está em sintonia com os princípios da comunicação popular e folclórica. Ambos compartilham a valorização da experiência, da memória, da oralidade e da vivência coletiva. O documentário, nesse caso, não é apenas um produto final, mas um processo de relação e escuta com o outro.

Compreender o trabalho de Pitombinha e a proposta do documentário que o retrata exige uma visão crítica e abrangente da comunicação. Trata-se de reconhecer que comunicar é um ato político e cultural, e que, nas margens do sistema midiático dominante, florescem formas ricas e potentes de expressão popular. O carro de som, a voz que circula pelas ruas, os laços que se criam — tudo isso compõe um ecossistema comunicacional legítimo, necessário e profundamente humano. Ao registrar e narrar essa história, o documentário não apenas informa: ele devolve valor, dignidade e espaço simbólico a uma prática viva e transformadora.

4 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

A escolha por desenvolver um documentário como produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso foi motivada pela vontade de unir prática jornalística com linguagem sensível e socialmente engajada. Desde os primeiros períodos da graduação, o gênero documental já me despertava interesse, pois sempre gostei de conteúdos mais aprofundados, de registros e valorização de histórias que, muitas vezes, não encontram espaço na mídia tradicional.

No segundo semestre de 2024, com o início oficial do TCC, comecei a refletir sobre possíveis temas ou personagens que eu pudesse representar. A princípio pensei em contar a história local de um Sítio Arqueológico localizado na cidade de Brejo da Madre de Deus. Em conversas com o orientador, vi que não seria muito viável devido à distância, falta de recurso e mão de obra, já que faria de forma individual. A sugestão partiu da observação cotidiana daquele homem que via todo sábado rodando as ruas do distrito de Pão de Açúcar, Taquaritinga do Norte, cidade onde resido: enquanto muitos se voltam para as grandes narrativas midiáticas, Pitombinha seguia, dia após dia, sendo a voz das ruas, das feiras, dos pequenos comércios e das emoções comunitárias e assim me despertou o interesse de conhecê-lo melhor.

Antes de qualquer gravação, iniciei uma fase de pesquisa e aproximação. Mesmo sendo uma figura pública, Pitombinha precisava ser abordado com respeito e cuidado, pois seu ofício envolve não apenas técnica, mas afetos, memórias e uma conexão profunda com a cidade. Pelo WhatsApp iniciei uma conversa informal com ele para explicar a proposta. De maneira acolhedora, ele demonstrou interesse em participar, afirmando que “nunca ninguém quis contar minha história assim”. Essa primeira resposta já indicava que havia ali um conteúdo simbólico e emocional a ser trabalhado com responsabilidade.

Na fase de pré-produção, ainda pelo WhatsApp, pedi que ele resumisse “Quem era Hamilton França/Pitombinha?” e organizei pessoas que conviveram com ele que pudessem contar sua história e como foi fazer parte dela. Levando em consideração que ele pediu que não expusesse sua família, entrei em contato com os demais e comecei a conhecer um pouco sobre o que cada um tinha vivido com o meu personagem principal. Busquei por fotos e vídeos de arquivos que pudessem me ajudar a visualizar a história de vida Pitombinha. Mesmo sendo uma figura pública, abaei não conseguindo tantos arquivos.

Esse material foi essencial para construir o roteiro base do documentário, que não seguiria uma narrativa linear, mas afetiva e sensorial. A ideia era permitir que o espectador vivenciasse o ritmo da cidade através do olhar e da voz de Pitombinha. Por isso, planejei

sequências que misturam momentos de fala direta com cenas mais contemplativas, focadas na ambiência sonora e visual do cotidiano.

As gravações foram realizadas entre os dias 12 e 26 de abril de 2025, aproveitando os dias de sábado quando se tem mais propagandas para captar o comunicador em ação. Para além das cenas externas em ação, realizamos uma entrevista em um ambiente mais calmo, onde ele pôde falar sobre sua forma de fazer comunicação, as transformações que acompanhou na cidade e seu vínculo com o povo. Devido sua rotina, tive alguns problemas para gravar com Hamilton, então ele acaba aparecendo menos que o esperado, em comparação com Bartôl Neves, que cumpre um excelente papel contanto a história de seu parceiro de longas datas.

Após as gravações, iniciei a decupagem e organização do material bruto, processo que levou cerca de três dias. Com o conteúdo em mãos, depusitei em um drive para que Leonam Lima — editor do documentário — pudesse iniciar o processo de montagem e edição, priorizei uma narrativa que equilibra informação e emoção, permitindo que o ritmo do filme respeitasse o ritmo de Pitombinha — que, mesmo com décadas de trabalho, continua vibrante, bem-humorado e comprometido com sua missão de comunicar.

A trilha sonora escolhida foi composta por sons ambientes da cidade: buzinas, conversas e, principalmente, a voz de Pitombinha reverberando pelos bairros, tendo como sido escolhida para todo o documentário a música “Palhaço Pitombinha” de Múcio Texeira feita para o personagem, que ressignifica a sua história. Isso conferiu ao documentário uma estética sonora autêntica, reforçando a proposta de imersão no universo do comunicador folclórico.

O processo de planejamento e execução deste documentário foi, acima de tudo, uma vivência de escuta ativa e empatia. Ao documentar Pitombinha, registrei não apenas um personagem, mas uma cultura comunicacional viva, enraizada no coração do povo. Sua história tornou-se, também, a expressão de tantas outras vozes populares que resistem, dia após dia.

4.1 CALENDÁRIO DE PRODUÇÃO

MÊS - 2024	ATIVIDADES
Setembro Outubro Novembro	Pré-produção - pesquisa e definição do tema, busca por personagens e conhecimento de histórias

MÊS - 2024/2025	
Dezembro Janeiro	Férias
MÊS - 2025	
Fevereiro Março	Produção do roteiro; Marcações de entrevistas; Pré-entrevistas
MÊS - 2025	
Abril	Gravações; Roteiro de edição.
MÊS - 2025	
Maio	Edição

5 EXECUÇÃO/ROTEIRO DE GRAVAÇÃO

"PITOMBINHA: VOZ E RAIZ"

CENA 001: CENA INTERNA / GRAVAÇÃO DO PROGRAMA "ALGO MAIS" NA RÁDIO POLO

DESCRIÇÃO: BATE PAPO COMANDADO POR EDSON TAVARES, COM ISRAEL DE CARVALHO E CARLINHOS LISBOA CONTANDO A HISTÓRIA DO JORNAL CAPIBARIBE, AO QUAL HAMILTON FRANÇA (PITOMBINHA) FEZ PARTE.

CENA 002: CENA EXTERNA / GRAVAÇÃO NO PARQUE FLORESTAL

DESCRIÇÃO: BARTÔL NEVES CONTA TODA A TRAJETÓRIA DE HAMILTON NO UNIVERSO DA COMUNICAÇÃO E ARTE

CENA 003: EXTERNA / GRAVAÇÃO EM CIMA DO CARRO DE SOM PELAS RUAS DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE

DESCRIÇÃO: HAMILTON CARACTERIZADO COMO PITOMBINHA, FAZENDO PROPAGANDAS NA RUA, INTERAGINDO COM O PÚBLICO E FALANDO SOBRE COMUNICAÇÃO.

CENA 004: EXTERNA / GRAVAÇÃO NO PARQUE WELLINGTON MONTEIRO

DESCRIÇÃO: HAMILTON SE CARACTERIZANDO COMO PITOMBINHA E POSTERIORMENTE FALANDO SOBRE A COMUNICAÇÃO POPULAR E SUA ROTINA

6 DETALHAMENTO TÉCNICO

Para a realização do documentário que tem como tema central a trajetória do comunicador folclórico, Pitombinha, foram utilizados recursos técnicos acessíveis, priorizando a praticidade e a mobilidade no processo de produção.

A captação das imagens foi feita com um iPhone 14plus, com 128 GB de armazenamento interno, equipamento que se mostrou eficiente tanto pela qualidade de imagem quanto pela facilidade de manuseio em ambientes diversos. Para garantir maior estabilidade e melhor iluminação durante as gravações, um tripé e uma luz de LED auxiliar, contribuindo para cenas mais estáveis e visualmente agradáveis.

O áudio das entrevistas e falas espontâneas foi captado com o auxílio de um microfone de lapela sem fio (Ulanzi J12), o que assegura maior clareza no som, mesmo em locais externos com certo nível de ruído ambiente. Demais sons foram captados com o próprio microfone do celular. As fotos de bastidores e registros extras foram feitas com o um aparelho de apoio, Iphone 11 de 128GB de armazenamento.

Os deslocamentos entre os locais de gravação foram realizados de formas variadas, de acordo com a disponibilidade do dia. Em alguns momentos foram utilizados os transportes públicos da cidade: Toyota Bandeirantes (veículo 4x4 utilizado para transportar passageiros de uma cidade a outra, funciona como um ônibus de linha) e Moto Táxi, em outros momentos utilizei caronas de amigos e familiares em carros e motos.

As gravações foram organizadas em diferentes momentos, respeitando a disponibilidade do personagem principal, Pitombinha, e demais entrevistados, considerando também a rotina de cada um e a rotina da cidade. As datas das filmagens foram previamente combinadas com os entrevistados com cerca de uma a duas semanas de antecedência, garantindo que o processo fosse respeitoso e bem planejado.

Algumas gravações com Pitombinha precisaram ser remarçadas devido a sua demanda, então foram adiantadas as entrevistas com pessoas de seu convívio, como a gravação do programa “Algo mais” de Edson Tavares, na Rádio Polo, que reuniu a presença de Israel de Carvalho e Carlos Lisboa, para contarem a história do “Jornal Capibaribe” onde Hamilton França (Pitombinha) fez parte, além disso, também gravei com seu cunhado e parceiro de muitos anos de trabalho, Bartol Neves.

Para a gravação com seus antigos colegas da redação do “Jornal Capibaribe”, primeiro periódico da cidade, aconteceu na Rádio Polo, na tarde do Sábado de 22 de Março de 2025, presidida pelo Jornalista e também professor, Edson Tavares, no programa “Algo mais” em que

ele convidou, Israel de Carvalho, Carlos Lisboa e o próprio Hamilton França - que não pôde comparecer - para um bate-papo exclusivo sobre a história do jornal, que caminha junto com a história de Pitombinha.

Já a gravação com Bartôl Neves, reservamos a tarde da Quinta-Feira, 3 de abril de 2025, para que ele pudesse contar a história de Hamilton França, popularmente conhecido como Pitombinha, já que o mesmo fez parte de praticamente toda história cultural e profissional de Hamilton. Nos reunimos no Parque Florestal de Santa Cruz do Capibaribe e demos início a conversa que esclarece “Quem é Pitombinha?”.

As gravações com o personagem principal foram feitas em dois sábados, dias 12 e 26 de abril de 2025, captando locais diferentes em que ele estivesse trabalhando, priorizando o seu “habitat” para que assim ele pudesse estar mais confortável em frente à câmera. Foram feitas captações dele fazendo seu trabalho de propagandas, em cima do seu chamado “Pitomba Móvel”, e também no parque Wellington Monteiro, onde ele conta um pouco de sua história na sua comunicação.

Durante a produção, foram utilizados em sua maioria planos abertos para mostrar a ambientação e o espaço onde Pitombinha atua e vive, transmitindo a relação dele com a cidade; enquanto planos mais fechados e detalhados foram utilizados para captar a expressividade e emoção do personagem, aproximando o público da sua história.

Entre os planos adotados, destacam-se: plano americano, plano sequência, plano médio e plano médio curto. Cada um deles foi selecionado de acordo com a carga emocional da cena e com os objetivos narrativos do momento registrado.

A edição do documentário ficou sob responsabilidade de Leonam Lima, editor com experiência na área, que utilizou os softwares “Adobe Premiere” e “After Effects” em um computador “Dell Inspiron 15”. O processo de edição se estendeu por quinze dias, com revisões posteriores realizadas em conjunto comigo e o professor orientador, a fim de refinar o ritmo narrativo, melhorar a sonorização e ajustar os cortes de forma a valorizar a trajetória e a voz do comunicador folclórico retratado.

6.1 CUSTOS OPERACIONAIS

MATERIAL	VALOR
Tripé	R\$ 100,00
Microfones de lapela	R\$ 300,00

Edição	R\$ 650,00
TOTAL:	R\$ 1.050,00

6.2 ROTEIRO TÉCNICO

CENA/INÍCIO: EXTERNA /RUAS DA CIDADE / PITOMBINHA

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE - 14 SEGUNDOS / SEGUNDO CORTE - 17 SEGUNDOS / TERCEIRO CORTE - 10 SEGUNDOS / QUARTO CORTE 9 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: PITOMBA MÓVEL + EQUIPAMENTOS DO CARRO + MATERIAL DELE + IMAGENS DELE

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANOS SEQUÊNCIA + PLANO ZENITAL + PLANO DETALHE + PLANO AMERICANO

OPÇÕES DE SOM: SILÊNCIO, AMBIENTE OU TRILHA QUE REMETE AO NORDESTE

CENA 001: EXTERNA / PARQUE WELLINGTON MONTEIRO

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE - 30 SEGUNDOS / SEGUNDO CORTE - 56 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: ELE SE PRODUZINDO PARA TRABALHAR + CONTA SOBRE

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO TAL + SOM AMBIENTE

CENA 007: EXTERNA / PARQUE FLORESTAL

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE 7 SEGUNDOS / SEGUNDO CORTE 48 SEGUNDOS / TERCEIRO CORTE 1:03 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: BARTOL FALANDO SOBRE A INQUIETUDE E HAMILTON + FALA SOBRE O BREGARIBE + FALA SOBRE ELE COMO APRESENTADOR

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO AMERICANO + SOM AMBIENTE

CENA 008: EXTERNA / PARQUE FLORESTAL

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE 27 SEGUNDOS / SEGUNDO CORTE 26 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: BARTOL FALA SOBRE A FORMAÇÃO DE HAMILTON + FALA SOBRE O JORNAL

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO AMERICANO + SOM AMBIENTE

CENA 009: EXTERNA / PARQUE WELLINGTON MONTEIRO

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE 2 MINUTOS / SEGUNDO CORTE 30 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: HAMILTON FALA SOBRE A FÁCIL COMUNICAÇÃO + FALA SOBRE A COMUNICAÇÃO QUE VAI E VOLTA

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO MÉDIO + SOM AMBIENTE

CENA 010: EXTERNA / CARRO DE SOM PELAS RUAS DA CIDADE

TEMPO DE CENA: 57 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: HAMILTON CANTANDO UMA PARÓDIA FEITA NA HORA DURANTE SEU DIA DE TRABALHO

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO MÉDIO + PLANO SEQUÊNCIA + SOM AMBIENTE

CENA 011: EXTERNA / PARQUE FLORESTAL

TEMPO DE CENA: 1:22 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: BARTOL CONTANDO QUEM É HAMILTON FRANÇA

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO AMERICANO + SOM AMBIENTE

CENA FINAL : EXTERNA / PARQUE WELLINGTON MONTEIRO

TEMPO DE CENA: PRIMEIRO CORTE 48 SEGUNDOS / SEGUNDO CORTE 27 SEGUNDOS

DESCRIÇÃO DE CENA: HAMILTON ARRUMANDO SUAS COISAS PARA SAIR + ELE SAINDO

DESCRIÇÃO TÉCNICA: PLANO AMERICANO + PLANO SEQUÊNCIA + MUSICA DE MÚCIO TEIXEIRA FEITA PARA ELE

ENCERRAMENTO E CRÉDITOS AO SOM DA MÚSICA DE MÚCIO TEIXEIRA FEITA PARA PITOMBINHA (QUE TAMBÉM PODE SER USADA EM OUTROS MOMENTOS CASO SE FAÇA NECESSÁRIO)

FOTOS DISPONIBILIZADAS PARA APOIO, PODEM SER UTILIZADAS DE ACORDO COM AS FALAS OU EM MOMENTOS QUE FOREM OPORTUNOS.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de transformar em documentário a história de Pitombinha não surgiu apenas de uma inquietação jornalística, mas de um sentimento profundo de reconhecimento. Em tempos em que a comunicação se faz tão rápida, digital e automatizada, observar uma figura que circula pelas ruas com um carro de som e um microfone na mão é como encontrar uma raiz viva fincada no coração da cidade. Pitombinha não é apenas um comunicador — ele é um símbolo do modo como Santa Cruz do Capibaribe se comunica consigo mesma.

Todos os dias, sua voz ecoa pelas esquinas, atravessa as feiras, adentra comércios e chega até os lares. Com ela vêm os recados, as promoções, os avisos, os sorrisos, as piadas e até o silêncio respeitoso diante de uma notícia triste. Pitombinha não fala apenas por um alto-falante; ele fala com o corpo inteiro, com o olhar atento de quem conhece os nomes das pessoas, as datas das festas e as dores que circulam discretas pela cidade.

Contar a história desse homem, portanto, é mais do que registrar uma trajetória pessoal — é preservar uma linguagem, uma tradição e um ofício que resiste à passagem do tempo. É reconhecer a importância da comunicação feita na rua, na voz direta, sem filtro, sem edição. Uma comunicação que é coletiva porque acontece no coletivo, que é afetiva porque conhece os afetos do seu povo.

Esse documentário nasce do desejo de eternizar um modo de comunicar que é, ao mesmo tempo, simples e imenso. E nasce também de uma responsabilidade: a de não deixar que essa história desapareça em meio ao ruído das telas, dos cliques e das pautas impessoais. O jornalismo, quando se permite escutar de verdade, encontra personagens como Pitombinha. E quando se compromete em contar essas histórias com respeito, encontra também o seu propósito mais genuíno.

Dar visibilidade à trajetória de um comunicador folclórico do agreste pernambucano é valorizar o poder da palavra falada, da presença nas ruas, do microfone que não apenas anuncia, mas acolhe. É entender que, por trás do som que percorre os bairros, existe uma pessoa que construiu uma ponte entre as vozes e os ouvidos da cidade.

Este documentário é, antes de tudo, um agradecimento. À resistência da cultura popular, à força da oralidade e à presença cotidiana daqueles que tornam a comunicação um ato de pertencimento.

REFERÊNCIAS

- ANDUEZA, Nicholas.** *Comunicação crítica e organização*. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <https://www.intercom.org.br/publicacoes/livros/2010/organizacao/>. Acesso em: 09 maio 2025.
- BELTRÃO, Luiz.** *Opinião pública e meios de comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1980. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199520730007.pdf>. Acesso em: 26 de abril de 2025.
- DOWNING, John.** *Mídia radical: comunicação alternativa na era global*. São Paulo: Senac, 2002. Disponível em: https://books.google.com/books/about/M%C3%ADdia_radical.html?id=oQUMpK1fcB4C. Acesso em: 26 de abril de 2025
- MARIZ, Luciano.** *Cancha – Antigamente era mais moderno*. [documentário]. YouTube, 29 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kTx4rsF40no>. Acesso em: 12 abril 2025.
- NICHOLS, Bill.** *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2012. Disponível em: <https://papirus.com.br/produto/introducao-ao-documentario/>. Acesso em: 12 abril 2025.
- PERUZZO, Cecília Krohling.** Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaborações no setor. *Revista ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 10–25, maio/ago. 2009. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2576. Acesso em: 19 jun. 2025.

ANEXOS – IMAGENS DA EXECUÇÃO

Figura 1: Gravação na Rádio Polo com Edson Tavares, Israel de Carvalho e Carlinhos Lisboa



Figura 2: Entrevista com Bartôl Neves



Figura 3: Gravação com Pitombinha no carro de som



Figura 4: Gravação com Pitombinha no Parque Welligton Monteiro

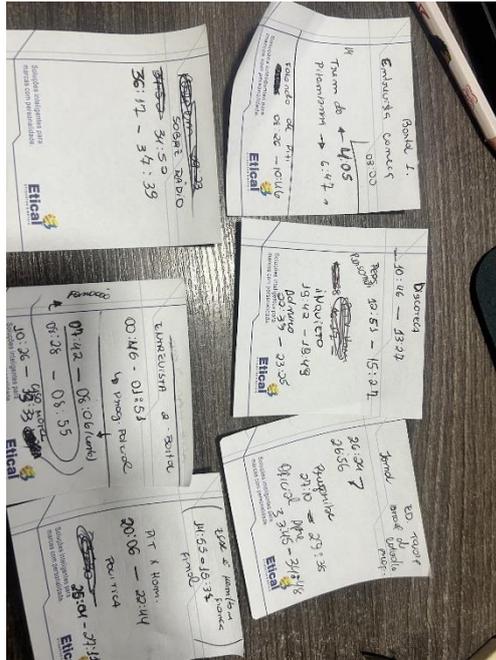


Figura 5: Anotação para a decupagem

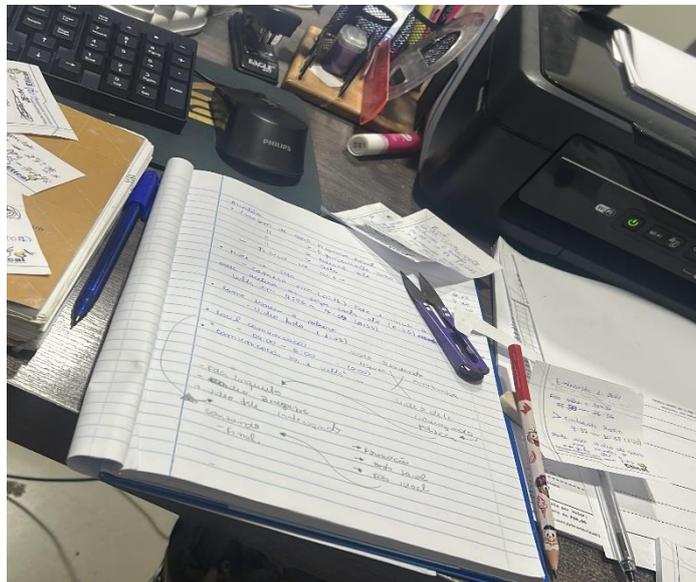


Figura 6: Anotações para decupagem